

Comunicação literária: interação, materialidade e identidade¹

Rafaela Delpasso Godoy Sampaio²

Ana Luiza Bruzadelli de Souza³

Marina Bernardino Rezende⁴

Taís Siqueira Secco⁵

Valentina Morita Fukuoka⁶

João Paulo Hergesel⁷

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas

RESUMO

Este estudo explora o campo da comunicação literária, com o objetivo de compreender suas múltiplas dimensões teóricas. Utilizando uma metodologia de revisão bibliográfica, analisamos as contribuições de diferentes autores que consideram a literatura como um sistema de comunicação. Os resultados indicam que a comunicação literária é um fenômeno dinâmico e interativo, caracterizado pela interação, materialidade e identidade. **PALAVRAS-CHAVE:** produção editorial; comunicação literária; revisão bibliográfica.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo compreender o campo da comunicação literária, explorando diferentes perspectivas teóricas que contribuem para a formação dessa área de pesquisa. Por meio de uma metodologia de revisão bibliográfica, analisamos as contribuições de diversos autores, cada um trazendo uma abordagem única para o entendimento da literatura como um sistema de comunicação complexo.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Produção Editorial, evento integrante da programação do 28.º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

• O presente trabalho foi realizado no âmbito do Grupo de Estudos sobre Livros Digitais Interativos, em funcionamento junto ao Programa Manacás (PUC-Campinas).

² Estudante de Letras: Português/Inglês na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: rafaeladgsampaio@gmail.com. Participante do Programa Voluntários de Iniciação Científica da PUC-Campinas (VIC/PUC-Campinas).

³ Estudante de Letras: Português/Inglês na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: analubruzadelli@gmail.com. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo n.º 2024/05938-1

⁴ Estudante de Letras: Português/Inglês na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: marinarezende150904@gmail.com. Participante do Programa Voluntários de Iniciação Científica da PUC-Campinas (VIC/PUC-Campinas).

⁵ Estudante de Letras: Português/Inglês na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: taissecco1515@gmail.com. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo n.º 2024/05050-0.

⁶ Estudante de Letras: Português/Inglês na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: tinamoritaf@gmail.com. Bolsista do Fundo de Apoio à Iniciação Científica da PUC-Campinas (FAPIC/PUC-Campinas).

⁷ Professor da Escola de Linguagem e Comunicação e pesquisador do Programa de Desenvolvimento Humano e Integral da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Membro do grupo de pesquisa SOLARIS – Solidariedade, Ações Responsáveis e Inovação Social (CNPq/PUC-Campinas). E-mail: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br.

O corpo teórico reúne os trabalhos de Almeida (1997), Carrascoza (2022), Dixon e Bortolussi (1996), Gumbrecht (2010), Harker (1988) e Schmidt (1973). Entendemos que os textos selecionados oferecem uma visão diversificada sobre como a literatura interage com seus leitores, os mecanismos de significação e as interações entre autor, leitor e texto, além de propor novas formas de se pensar a comunicação literária a partir de suas materialidades e contextos históricos e sociais.

2 A LITERATURA COMO UM SISTEMA DE SIGNOS

No ensaio de Henrique Almeida (1997), a semiótica é apresentada como uma ciência fundamental para o entendimento dos processos de comunicação e significação, especialmente no campo literário. Almeida (1997) traça a evolução histórica da semiótica, destacando a importância dessa disciplina como ciência dos signos. Ele enfatiza as contribuições de várias correntes teóricas, europeias e americanas, e de figuras notáveis como John Locke, que via a semiótica como parte essencial do estudo da lógica e da linguagem.

Almeida (1997) discute como a semiótica é aplicada à análise literária, considerando a literatura como um sistema de signos com funções específicas, como a estética. O autor vê a literatura como um sistema semiótico secundário, que não apenas se baseia na língua natural, mas a transcende, criando seu próprio conjunto de regras e significados. Isso se alinha com as ideias da Escola Soviética de Semiótica, que propôs que a literatura integra e ultrapassa os sistemas linguísticos primários.

O autor também aborda a distinção entre os conceitos de semiótica e semiologia, ressaltando que, embora tenham origens diferentes, ambos compartilham o objetivo de compreender como os signos funcionam na comunicação. Almeida (1997) destaca que, na literatura, a obra não precisa ter um valor documental para ser válida; seu valor reside na capacidade de evocar significado através da interação dos signos.

Em síntese, Almeida (1997) fornece uma visão abrangente da semiótica e sua aplicação no campo literário, demonstrando como essa ciência dos signos é essencial para a análise e interpretação das obras literárias. A semiótica não apenas facilita a compreensão das obras de arte como sistemas de comunicação, mas também desafia os leitores a explorar os limites da linguagem e as infinitas possibilidades de significação.

3 O CONSUMO LITERÁRIO E A IDENTIDADE DO AUTOR

O artigo de João Anzanello Carrascoza (2022) investiga a relação entre a obra do poeta Manoel de Barros e o consumo literário, destacando como a identidade estilística do autor se tornou um diferencial significativo em sua recepção no campo literário. Carrascoza (2022) explora como a repetição é um elemento central na construção do estilo de Barros, enfatizando que, embora repetitiva, a sua poética é sempre renovada por variações sutis que mantêm a originalidade e o interesse do público.

Carrascoza (2022) compara a literatura ao mercado de bens de consumo, sugerindo que, assim como uma marca precisa se destacar para sobreviver à concorrência, um escritor deve consolidar sua identidade para permanecer relevante. No caso de Manoel de Barros, sua insistência na estética do precário e na repetição estratégica de temas criou uma “marca literária” distintiva, que não apenas atraiu leitores, mas também garantiu seu sucesso duradouro no campo literário.

O estudo utiliza teorias da literatura, comunicação e Análise do Discurso para demonstrar que a singularidade de um escritor é vital para sua consolidação no mercado editorial. Carrascoza (2022) argumenta que a identidade de marca de um autor, consciente ou inconscientemente construída, é o que permite que ele se destaque e mantenha o interesse dos leitores ao longo do tempo.

Em suma, o artigo revela que a permanência de um autor no campo literário depende de sua habilidade em construir uma identidade reconhecível e única. Para o autor, como exemplo, aposta de Manoel de Barros na poética do precário e na repetição se mostrou essencial para o sucesso de sua obra, demonstrando que o valor de um autor não é medido apenas por seu mérito artístico, mas também por sua capacidade de se distinguir e se conectar com seu público.

4 A COOPERAÇÃO ENTRE LEITOR E NARRADOR

O artigo de Peter Dixon e Marisa Bortolussi (1996) aborda a comunicação literária como um processo interativo, focando na cooperação entre leitor e narrador. Os autores propõem que os leitores constroem representações mentais dos narradores enquanto leem, o que influencia significativamente a interpretação e compreensão dos textos literários.

Dixon e Bortolussi (1996) destacam que essa comunicação é semelhante a uma conversa, onde os leitores interpretam o texto como se estivessem interagindo

diretamente com o narrador, e não com o autor. Isso requer que os leitores utilizem seus conhecimentos prévios e experiências pessoais para decodificar a narrativa, o que pode levar a diferentes interpretações e níveis de compreensão.

O estudo explora como o estilo de diálogo e a localização do narrador dentro do texto afetam a percepção dos leitores. Em particular, os autores discutem o uso do discurso indireto livre, que tende a aproximar os leitores dos personagens e levar a uma maior racionalização e justificativa das atitudes dos personagens.

A pesquisa de Dixon e Bortolussi (1996) revela que a comunicação efetiva entre leitor e narrador depende da construção de uma cooperação imaginativa, onde os leitores assumem que o narrador é racional e que sua narração é suficiente para entender a história. Essa abordagem interativa permite que os leitores participem ativamente na construção do significado, tornando a leitura uma experiência dinâmica e rica.

Em resumo, o artigo enfatiza a importância da interação leitor-narrador na interpretação literária, sugerindo que a compreensão de um texto literário é um processo colaborativo que depende tanto da estrutura narrativa quanto da disposição do leitor em se engajar com o narrador como um parceiro de comunicação.

5 A MATERIALIDADE DA LITERATURA PARA A COMUNICAÇÃO

No artigo de Hans Ulrich Gumbrecht (2010), o autor desafia a centralidade da interpretação hermenêutica na teoria literária, propondo uma abordagem que enfatiza a materialidade da comunicação. Gumbrecht (2010) argumenta que a hermenêutica, que tradicionalmente foca na busca de sentido e intenções por trás das mensagens, não é suficiente para explicar a riqueza dos processos comunicativos.

Gumbrecht (2010) introduz a ideia de um “campo não hermenêutico”, que se concentra nos aspectos físicos e contextuais da comunicação. Ele sugere que a comunicação deve ser entendida não apenas como uma troca de significados, mas como um fenômeno material que se inscreve em objetos, tecnologias e contextos específicos.

O autor diferencia entre o “campo hermenêutico”, que está focado na interpretação e nas diversas versões de um texto, e o “campo não hermenêutico”, que considera a materialidade como uma parte essencial da comunicação. Ele discute quatro premissas fundamentais do campo hermenêutico, incluindo a origem do sentido no sujeito

e a distinção entre corpo e espírito, e propõe que o campo não hermenêutico oferece uma nova perspectiva ao incorporar o corpo e a materialidade como elementos centrais.

Em suma, Gumbrecht (2010) propõe uma reavaliação da teoria literária que valoriza a materialidade da comunicação. Ele destaca que os aspectos físicos e contextuais dos processos comunicativos desempenham papel fundamental na formação e transmissão de significados, oferecendo um olhar mais abrangente e integrado sobre como a comunicação realmente ocorre. Essa abordagem desafia as premissas tradicionais da hermenêutica e abre novas possibilidades para a teoria literária contemporânea.

6 A INTERAÇÃO ENTRE AUTOR, LEITOR E TEXTO

O artigo de W. John Harker (1988) explora a comunicação literária enfatizando a interação dinâmica entre autor, leitor e texto. Harker argumenta que a literatura não transmite um significado fixo, mas oferece um espaço interpretativo onde o leitor desempenha um papel ativo na construção do sentido.

Harker critica a abordagem tradicional da crítica literária, que focava na fixação de significados dentro do texto e considerava o leitor como um mero decodificador passivo. Em vez disso, ele propõe que a leitura literária deve ser vista como um processo interativo, onde o autor cria um mundo textual distinto, e o leitor, por sua vez, constrói significados a partir das convenções e estruturas do texto.

O autor discute a transição da Nova Crítica para abordagens contemporâneas que enfatizam a resposta do leitor, desafiando a ideia de que o significado de um texto é estático. Harker (1988) sugere que, na literatura, o texto ganha vida por meio das convenções que o constituem e da atenção especial que exige do leitor. Ele destaca que o leitor traz suas próprias experiências e conhecimentos para a leitura, o que influencia a interpretação e compreensão do texto.

Em linhas gerais, Harker (1988) defende que a literatura é um espaço de interação dinâmica, onde o significado é construído com base na colaboração entre autor e leitor. Esse processo interpretativo é enriquecido pela participação ativa do leitor, que não apenas decodifica o texto, mas também contribui para a criação de seu sentido. Essa perspectiva amplia a compreensão da comunicação literária, considerando-a um fenômeno complexo e interativo.

7 EM BUSCA DE UMA EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO LITERÁRIA

O artigo de Siegfried J. Schmidt (1973) apresenta uma abordagem inovadora para o estudo da comunicação literária, propondo um programa de pesquisa que sistematize os fundamentos teóricos e metodológicos da disciplina. Schmidt (1973) critica as tentativas anteriores de reformular os estudos literários a partir de disciplinas como a linguística, a semiótica ou a sociologia, argumentando que essas abordagens falharam por não esclarecerem devidamente suas bases teóricas.

Schmidt (1973) enfatiza a importância de uma ciência da literatura que siga princípios epistemológicos claros, rejeitando modelos fixos em favor de uma abordagem crítica e evolutiva. Ele propõe que o estudo científico da literatura deve ser estruturado como um programa de pesquisa progressivo, onde as teorias são constantemente testadas e reformuladas.

O autor apresenta um modelo hierárquico de investigação literária baseado em quatro teorias componentes: teoria da comunicação literária, teoria dos jogos de ação comunicativa, teoria da geração do texto e teoria da constituição do significado literário. Esses níveis de análise são interligados para garantir a coerência metodológica da pesquisa.

Schmidt (1973) define três postulados essenciais para um estudo científico da literatura: intersubjetividade, explicitação e sistematicidade. Esses princípios asseguram que o ponto de partida da pesquisa e seus resultados estejam organizados em esquemas teóricos, permitindo que o estudo literário, quando inserido em um programa de pesquisa, alcance um lema científico válido.

De forma sucinta, o artigo de Schmidt (1973) propõe uma abordagem abrangente e crítica para o estudo da comunicação literária, destacando a importância de uma base teórica sólida e de uma metodologia flexível que permita o desenvolvimento contínuo da disciplina. Essa perspectiva busca integrar diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma compreensão mais profunda dos processos comunicativos na literatura.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores revisados neste estudo oferecem contribuições valiosas sobre a comunicação literária. Em comum, eles expandem o entendimento da literatura como um processo dinâmico e interativo, em que o significado não é fixo, mas construído por meio

da interação entre vários elementos. Almeida (1997) destaca a semiótica como um pilar essencial para a análise literária, enquanto Carrascoza (2022) enfatiza a necessidade de uma identidade única para o sucesso literário. Dixon e Bortolussi (1996) focam na cooperação entre leitor e narrador, Gumbrecht (2010) desafia a hermenêutica tradicional ao valorizar a materialidade da comunicação, Harker (1988) defende a interação ativa do leitor na construção do sentido, e Schmidt (1973) propõe uma ciência da literatura baseada em princípios epistemológicos claros. Juntos, estes autores delinham o campo da comunicação literária como uma disciplina que integra diferentes áreas do conhecimento e enfatiza a importância da interação, materialidade e identidade na formação do significado literário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Henrique. Da semiótica da comunicação à comunicação literária: percursos de uma herança com história. **Máthesis**, São Paulo, n. 6, p. 271-293, 1997.

DOI: <https://doi.org/10.34632/mathesis.1997.3796>. Acesso em: 15 mar. 2025.

CARRASCOZA, João Anzanello. The Production and Consumption of Precarious Literature – An Exemplary Case. **American Research Journal of English and Literature**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 97-102, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21694/2378-9026.22020>. Acesso em: 15 mar. 2025.

DIXON, Peter; BORTOLUSSI, Marisa. Literary Communication: Effects of Reader-Narrator Cooperation. **Poetics**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 405-430, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0304-422X\(95\)00007-7](https://doi.org/10.1016/0304-422X(95)00007-7). Acesso em: 15 mar. 2025.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação. **Teresa**, São Paulo, n. 10-11, p. 388-409, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116873>. Acesso em: 15 mar. 2025.

HARKER, W. John. Literary Communication: The Author, the Reader, the Text. **The Journal of Aesthetic Education**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 5-14, 1988.

DOI: <https://doi.org/10.2307/3333119>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SCHMIDT, Siegfried J. On the Foundation and the Research Strategies of a Science of Literary Communication. **Poetics**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 7-35, 1973. DOI: [https://doi.org/10.1016/0304-422X\(73\)90008-9](https://doi.org/10.1016/0304-422X(73)90008-9). Acesso em: 15 mar. 2025.